

PDS instala 11 comissões pró-Maluf

Em clima de festa, pedessistas pedem união e dizem que vitória é certa

A certeza da vitória, o anúncio de que os governadores do PDS serão novamente chamados pelo Presidente da República para que apoiem o candidato do Partido, e a condenação veemente dos dissidentes marcaram a instalação, ontem pela manhã, das 11 comissões pedessistas incumbidas de dinamizar a campanha do deputado Paulo Maluf. O ex-ministro Golbery do Couto e Silva, depois do candidato, o político mais festejado, enquanto o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, recebeu mais aplausos, principalmente ao afirmar que Maluf poderia erguer a bandeira do Brasil, porque aqueles que o cercam não carregam a bandeira de outra como para Golbery, é "sonho de uma noite de verão" a hipótese de renúncia de Maluf. Cerca de 600 pessoas aplaudiram, com entusiasmo, o candidato do PDS, quando este afirmou, em seu discurso, que já estava vitorioso, mas autorizava os companheiros a fazerem acordos públicos com integrantes de outros partidos, porque em eleição "o feio é não vencer". Maluf foi o único a não condenar os dissidentes pedessistas, prevendo que eles, como filhos pródigos, retornarão e serão recebidos de braços abertos.

"Em eleição, feio é perder"

Reafirmando que está vitorioso por 76 votos, mas que isto não o satisfaz, o deputado Paulo Maluf autorizou ontem seus companheiros a fazerem acordos públicos com integrantes de outros partidos, visando aumentar a vantagem no Colégio Eleitoral, porque "em política o feio é não vencer".

Para Maluf, alguns dissidentes do PDS estão retornando ao partido e apoiarão sua candidatura no Colégio Eleitoral. "Eles são como os filhos pródigos da Bíblia, e eu estou pronto para recebê-los de braços abertos".

SATISFEITO

Aplaudido de pé e chamado de presidente, Paulo Maluf começou seu pronunciamento frisando que, olhando para o passado, só lhe cabia agradecer a Deus por o ter ajudado em sua caminhada. Lembrou que estudou com dificuldades, tendo de trabalhar, e ressaltou os êxitos administrativos que teve na Caixa Econômica de São Paulo, na Prefeitura, Secretaria de Transportes e no Governo do Estado.

Em 1978, foi o primeiro a rebelar-se contra a escolha de candidatos. "Na época, muitos queriam ser Tiradentes pelas palavras, mas o foram com meu pescoço". Apesar de estar dentro da lei, para manter sua vitória, teve de contar com o apoio de três pessoas: o presidente Figueiredo, o ex-presidente Ernesto Geisel e o ex-ministro Golbery do Couto e Silva.

Maluf não se preocupa com as pesquisas de opinião pública porque elas representam, quase sempre, "uma pequena amostragem", enquanto ele podia exibir "um documento incontestável: o certificado do TRE de que teve 672 mil votos em eleições proporcionais". Era político e fazia

questão de assumir compromissos políticos, podendo afirmar que, como presidente, o "PDS deixará de ser partido do Governo para ser o partido no Governo".

Seu compromisso não se limitava, porém, a de que os políticos subirão a rampa do Planalto, mas também de que em 1986, quando houver a eleição geral, estará com seus amigos, em todos os Estados, para ajudá-los na reeleição. Em três ou quatro vezes, Paulo Maluf fez questão de destacar a personalidade do ministro Mário Andreazza, um leal competidor, cujo apoio é da maior importância.

Acentuou que não tem compromissos com o revanchismo, nem com perseguições, nem com irregularidades, e as punirá, em seu Governo, de acordo com os fatos. Considera-se muito satisfeito com o apoio pessoal do presidente Figueiredo e do ministro Mário Andreazza, frisando que se ele e seu grupo haviam chegado até ali sozinhos, ainda mais alcançariam com a ajuda do Governo.

Depois de lembrar que seria o primeiro empresário a atingir a Presidência da República, Paulo Maluf condenou "os conchavos espúrios e acordos que não podem ser revelados", feitos pelos oposicionistas. Hoje, está com a previsão de vitória por 76 votos, mas isto não o satisfaz. Espera chegar em fins de outubro e início de novembro com mais de 100 votos de frente.

"Não fui eu que começou o alinhamento em outros partidos. Sempre lutei dentro do PDS. A vitória, porém, é aritmética. Autorizo meus correligionários a fazerem acordos públicos com companheiros de outros partidos. Num eleição, o feio é não vencer", afirmou.